

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO: REPENSANDO O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

REASSESSING PHYLOSOPHY TEACHING IN HIGHSCHOOL

Rony Henrique Souza¹

Este texto é resultado das reflexões oriundas do V Seminário sobre o Ensino de Filosofia. Inicialmente recebo o convite para participar da mesa, cuja temática era: A Filosofia no Brasil: Repensando seu ensino. Este seminário ocorreu na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Formação de Professores – Amargosa/Bahia. Este texto é composto de alguns momentos: o processo de retorno da filosofia para o Ensino Médio; o que entendemos como ensino de filosofia para esta época; qual a missão do professor de filosofia. A metáfora do filósofo como um super herói as avessas pautou a discussão no intuito de, ao invés de partir da tradição filosófica para pensar o lugar onde estamos inseridos, problematizar o lugar a fim de construir novas filosofias. Relato também duas experiências vividas no Colégio Estadual Professor Edgard Santos que ilustram a discussão. Tudo isto em diálogo constantes com autores que aprofundaram sobre a Filosofia e também a Educação no cenário brasileiro. Trata-se de um processo que está apenas começando, ou seja, um debate introdutório. Ao ler este texto, o leitor terá a oportunidade de criticar, repensar, discordar e até mesmo acrescentar, uma vez que decido por escrever em primeira pessoa e sei que o meu olhar é singular, embora pautado pela rede de significâncias que me constitui, trazem em si lentes marcadas pelo meu processo e percurso formativo que não tem de forma alguma a pretensão de ser uma verdade suprema.

Palavras-chave: Construção. Experiências. Ensino.

This text is the result of reflections derived from the V Seminar on Philosophy Teaching. I was initially invited to join the phorum Philosophy in Brazil: rethinking its teaching. This seminar took place at the Federal University of Bahia in the Reconcavo Teacher Training Centre - Amargosa / Bahia. This text is made up of moments: first the return of Philosophy as a high school subject, second what we take for philosophy teaching today, and last but no least important what is the mission of the philosophy teacher? The metaphor of the philosopher as a turned-upside-down superhero guided the discussion so that instead of starting form the philosophical tradition to think about our place, we could problematize the place to build new philosophies. I also reported two experiences at the Professor Edgard Santos State School to illustrate the discussion. These experiences were analyzed in constant dialogue with authors who write about Philosophy and Education in the Brazilian scenario. This is a process that is just beginning and the discussion is an introductory one. By reading this text the reader will have the opportunity to criticize, rethink, disagree and even add, since I have decided to write in the first person knowing that my look is unique, although guided by the network of significances that I am formed of and by my formative journey. Thus, there is no intention of presenting this text as an ultimate truth.

Keywords: Construction, experiences, teaching.

¹Especialista em Educação e Interdisciplinaridades pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Cruz das Almas, Bahia; <http://lattes.cnpq.br/3775724943758764>; rhsacaminho@hotmail.com.

PRA COMEÇO DE CONVERSA...

No dia 29 de Março de 2014 aconteceu no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) de Amargosa/Bahia o V Seminário sobre Ensino de Filosofia. O tema discutido foi “A Filosofia no Brasil: Repensando seu ensino”. Na oportunidade fui convidado a dividir uma mesa redonda com os professores Roberto Lauxen da Universidade Estadual do Sul da Bahia (UESB) e também com o professor Pablo Zunino do CFP/UFRB. O evento foi organizado pelos discentes do Curso de Licenciatura em Filosofia e coordenado pelo professor Ricardo Henrique Alexandre da UFRB.

Desta forma, no intuito de socializar esta salutar experiência, construo este texto, como forma de compartilhar as ideias por mim apresentadas naquele momento. Convém ressaltar que tudo o que foi discutido pelos pares, com uma extrema maestria e competência, precisa também ser socializado, como pontuou o Prof. Dr. Roberto Lauxen em sua fala. Penso que estas publicações mantém vivo o debate realizado e possibilita que outras discussões sejam tecidas a partir do mesmo. Este encontro é um momento em que professores falaram com professores para professores e futuros professores. A riqueza do debate consiste em pensar que:

É a voz do professor que precisamos ouvir e dela extrair considerações que permitam compreender o entrelaçamento de suas histórias e trajetórias em diferentes espaços e tempos de sua vida pessoal e de sua prática docente. É essa escuta que precisamos considerar antes de qualquer julgamento. Seu relato de vida, ao transpor de sua voz, revela suas reais necessidades. Só ele sabe de si, das relações que estabeleceu com o seu processo formativo e com as aprendizagens que construiu ao longo da vida. Só ele pode contar como ele é; só ele sabe das razões para ensinar como ele ensina (FERREIRA 2009, p. 63).

Como já havia mencionado anteriormente, a proposta motivadora do debate era repensar o ensino de Filosofia. Por isso, abordei o tema a partir do lugar que ocupo, como professor da Educação Básica, no Colégio Estadual Edgar Santos em Governador Mangabeira/BA. (Re)pensando o ensino de Filosofia a partir da minha própria prática, das experiências cotidianas do meu ser e estar na profissão no Ensino Médio. Diferentemente dos outros que compuseram a mesa, que possuem uma vasta experiência enquanto professores e pesquisadores de Filosofia, atuando em ambientes universitários. Portanto, meu diálogo, as minhas reflexões são oriundas do diálogo cotidiano que tenho com o fazer docente e o meu ser docente, que está em constante processo de formação, mas que teve sua formação inicial nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Filosofia na UFJF.

COMEÇANDO O DEBATE

A princípio faz-se necessário considerar que o retorno da Filosofia para o Ensino Médio é muito recente. Foi pela [Lei Nº 11.684, de 2](#) de Junho de 2006, que o presidente em exercício, José Alencar Gomes da Silva, sanciona o que foi decretado pelo Congresso Nacional, o retorno das disciplinas Filosofia e também a Sociologia como componentes curriculares obrigatórios para o Ensino Médio.

Este recente retorno coloca nós, professores, diante de um emaranhado de problemas e também um emaranhado de perguntas. Como bem questiona Aspis:

É possível que esse professor pense: para que defendo a filosofia na escola? O que há de específico na filosofia que a faz necessária no currículo dos jovens? Qual filosofia ensinar? Como fazê-lo? Damos aulas de filosofia ou de filosofar? O que é a filosofia? O que é o filosofar? É possível essa separação das duas coisas? Ora, assim aquele professor terá começado a pensar filosoficamente o ensino de filosofia e só isso já pode ser um bom

começo (ASPIS 2004, p. 306).

A sensação que tenho é que, embora tenha sido questão de muitas lutas, os professores não se prepararam, ou não estão preparados, para este retorno da Filosofia ao Ensino Médio. Embora o artigo de Aspís (2004) seja anterior ao retorno da Filosofia ao Ensino Médio, há muitas opiniões diversas sobre o que fazer no Ensino Médio. Penso que a pergunta poderia ser ampliada para outras idades. É possível ensinar Filosofia a partir de quantos anos? Em se tratando de Ensino Médio, que compreende pessoas na faixa etária entre 14 a 18 anos em média, como poderia ser pensado o ensino de Filosofia? Penso também que esta pergunta também não pode ser respondida só por nós professores, mas por todos, toda a comunidade escolar. Outra questão presente nesta citação é sobre a singularidade da Filosofia, ou seja, o que a Filosofia pode oferecer que as outras disciplinas já não oferecem? Aspís (2004) ainda afirma:

Se a filosofia pode contribuir na educação do outro para ser outro, significa que ela se lança ao desconhecido. Abdica de qualquer poder de controle da formação para apreciar aquilo que possa vir a ser criado. O professor de filosofia aposta no que virá, mesmo que este seja desobediente à sua ordem das coisas, mesmo que este seja contrário e até incompreensível, tão outro que seja esquivo à posse e à comunhão. O outro, autônomo, cria seu mundo e a si e o professor aposta (ASPIS 2004, p. 318).

Quando Aspís afirma que é um lançar-se ao desconhecido, penso que não tem nada pronto e mesmo se houvesse, isto não nos deixaria confortados, pois o fato de o outro ser outro, todavia inédito, nos desinstalaria. O professor não pode ser o patrono do saber, o todo poderoso por ter conhecimento da tradição filosófica, mas é antes de tudo, como bem reafirma Aspís (2004), um “super herói às avessas”, diferentemente do conceito tradicional de super herói, não resolve

problemas, mas os cria.

O professor se coloca aqui como um problematizador, talvez não tenha a pretensão messiânica de tirar os homens da caverna, mas de pelo menos tornar a caverna um problema. Não se trata de uma paixão órfica, muito criticada por Nietzsche, de tirar o homem do cotidiano, mas de olhar o mundo de forma dialética, o que significa entender que o mundo nem sempre foi o que é e por isto não necessita continuar a ser o que está sendo.

Outra abordagem a ser mencionada é resultante de um questionamento feito por um discente da CFP/UFRB, o qual indagou sobre o que deveríamos priorizar como conteúdos/abordagens no ensino de Filosofia para o Ensino Médio. Penso que a “ocasião faz o ladrão”, ou seja, os conteúdos a serem aplicados não são propriedades minhas ou nossas, pensando em nós professores, não posso ser um depositário do poder da tradição, mas sempre numa relação dialógica a construção se dá.

O mundo neste sentido torna-se conteúdo para se pensar e fazer filosofia. Seria, a meu ver, muita pretensão acreditar que tudo ou que sobre tudo o que estamos vivenciando os filósofos já disseram. Por sermos contemporâneos, estejamos abertos ao mundo do incerto:

A incerteza cognitiva é fato humano, já que a complexidade é um fato de vida e não um conceito teórico. Ela corresponde à multiplicidade, à interação e ao relacionamento de sistemas e fenômenos infinitos que compõem o mundo natural e social (SANTOS 2003, p. 308).

O fato de não ter nada pronto definido. Por não obtermos as regras do ensino como se fossem uma receita de bolo ou algo parecido, nos deixa angustiados e inquietos para pensarmos este assunto. A angústia nos mergulha nas possibilidades e só esta postura angustiante já nos diferencia dos outros.

[...] o pensamento é produzido na multiplicidade de seus fatores. Ele é uno

múltiplo, é aberto à cultura, à emoção, ao mito, à religião, à poesia, é versátil, é complexo. O pensamento mobiliza suas aptidões, sejam elas cognitivas, históricas, poéticas, míticas, para ser elaborado e enfrenta a complexidade de acontecimentos em relação interativa simultânea. Utiliza suas capacidades criadoras para reconhecer os princípios norteadores da sua elaboração. O pensamento surge e é produzido relacionalmente. O pensamento mobiliza integralmente o ser e valoriza a sua história de vida, sua formação no seio da cultura e suas próprias possibilidades dialéticas de se relacionar com o mundo, sem a primazia deste ou daquele aspecto da constituição humana (SANTOS 2003, p. 308).

A proposta é fazer filosofia a partir do mundo e não de reduzir o mundo, a vida nas grades daquilo que foi construído. Atraídos por Deleuze, vamos criando novos conceitos. Não tem a mesma sensação do sabor da goiaba aqueles e aquelas que só a contemplam ao longe, é preciso tirá-la do pé, descascá-la e, enfim, saborear. É necessário problematizar a caverna e não somente fazer com que aqueles que já saíram da caverna acreditem que a realidade da caverna é a única que existe.

É Silvio Gallo, que mais uma vez relendo Foucault, Deleuze e Guattari também dialoga com esta perspectiva. Desloca a Filosofia do comodismo, nos insere na complexidade da questão.

Para ele, a Filosofia deve ser vista como uma *caixa de ferramentas*: aí encontramos os instrumentos e equipamentos necessários para resolver os problemas que nos são colocados pela realidade que vivemos. O autor afasta-se de uma visão de Filosofia transcendente, que lida com universais e não “suja as mãos” com as mazelas e peculiaridades da vida cotidiana. Foucault está mais alinhado com a noção de Filosofia que Deleuze – seu amigo e parceiro em muitos momentos – chamou de imanente: aquele pensamento conceitual que se constrói profundamente enraizado na realidade cotidianamente vivida (Deleuze e Guattari,

1992). O próprio filósofo afirmou: “o que faço é diagnosticar o presente e, nesse sentido, meu trabalho pode ser considerado filosófico, pois filosofia é, desde Nietzsche, exercício diagnóstico do presente” (apud Giacóia, 1995).

A filosofia nesta perspectiva é meio e não tem um fim em si mesma. Pensando segundo a LDB de 20 de dezembro de 1996, somos incumbidos da responsabilidade de formar cidadãos críticos para o exercício da cidadania e não mini-professores de Filosofia.

Sei também que este conceito “cidadãos” se torna caro para nós quando pensamos quem eram considerados os cidadãos na Grécia Antiga. Penso que o que se entende por cidadãos aqui é muito mais em uma perspectiva de emancipação política do que a compreensão existente na Grécia. Contudo, entendo que ao trazer a discussão para o campo prático das vivências, não como uma fórmula, mas como mais um instrumento, ou uma ilustração daquilo que experimento, podemos visualizar novas alternativas.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Algumas realidades da Escola realmente nos desconcertam. Certa vez ao chegar em uma turma do segundo ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Professor Edgard Santos – Governador Mangabeira, Bahia, a fim de avaliar a apresentação de alguns seminários que havia solicitado sobre o conteúdo trabalhado em filosofia, recebi a “ingrata” notícia de que eles não haviam preparado o seminário e que também não iriam apresentar.

Diante disto tinha algumas escolhas, a primeira e a mais óbvia para mim naquele momento era atribuir nota 0 a todos e sair da sala, uma vez que não tinha preparado uma outra aula. Outra opção seria imprimir um discurso moralista com perguntas do tipo: como podem não fazerem nada? Mas tive a intuição de propor uma reflexão. Apaguei o que estava escrito na lousa, dividi com o piloto

a lousa em três partes iguais e entreguei um piloto a três alunos diferentes, solicitando aos mesmos que escrevessem ali qual a escola que eles gostariam de ter.

Acolheram a proposta e trouxeram, ao meu ver, algo muito mais produtivo que o conteudístico seminário. O primeiro, aluno, do sexo masculino de 16 anos, pintou uma escola no mínimo fantasiosa: queria uma escola que não tivesse uniformes, que tivesse só professoras bonitas de 18 a 22 anos, que as alunas fossem 80% meninas, que a merenda fosse servida por eles mesmos, que houvesse um baile de 15 em 15 dias, que pudessem entrar e sair na hora que quisessem e que o diretor fosse um aluno.

Uma aluna colocou uma escola com características das escolas que ela privadas, com uma quadra para praticar esportes, salas confortáveis com ar condicionado, auditório, cantina de qualidade e outras coisas mais às que eles teriam direito e que são negados ou até mesmo negligenciadas.

A terceira, também aluna, pintou uma escola que nas entrelinhas também denunciava o modelo vigente, queria papel higiênico e espelhos nos banheiros das meninas, mais banheiros e informática e internet para todos.

Tive que reconhecer que todos aqueles modelos de escolas era muito mais interessante do que a escola que existia. A primeira, de forma fantasiosa nos mostrava que por trás da frieza da lousa, das grades e dos muros, há vida, desejo e sentimento. A segunda e a terceira questionavam a escola que tinham e a escola que todos deveriam ter por direito. Poderia afirmar que neste discurso não há filosofia? Poderia eu dizer que tratar a filosofia desta forma seria uma vulgarização da mesma? É possível fazer Filosofia diante desta realidade? Penso que sim.

Gallo, mais uma vez, nos auxilia neste processo pensando conosco como se dá o professor nesta perspectiva:

[...] se o professor é modelo e quer

contribuir para a formação de mentes livres, autônomas, deve ele também exercitar sua autonomia e liberdade de pensamento. As duas coisas estão vinculadas de forma inseparável: não há como desejar e planejar uma ação pedagógica que leve à autonomia se quem planeja não for ele mesmo autônomo (GALLO 2004, p. 80).

Outro evento que nos desinstalou foi o Baile de Máscaras que também aconteceu no Colégio Estadual Professor Edgard Santos. Este baile foi realizado para finalizar a semana do estudante no colégio. Naquela tarde nada foi igual, tudo foi diferente. Penso que as máscaras que cada um usava mostravam a realidade deles mesmos. Vivemos uma escola do barulho, nada estava organizado de forma linear ou seriada e o melhor, ninguém perguntava quanto tempo faltava para acabar o evento.

Esta escola musical era a antítese de uma escola fria e alienada. A questão aqui não é questionar uma escola em si, mas todo um sistema que aprendeu a fazer de um jeito e acomodou-se. Segundo Menezes (2003), uma forma de caminharmos para superar este modelo arcaico, mas vigente, era a formação continuada dos professores,

Ao contrário da educação permanente, essa concepção de formação continuada prevê a separação entre tempo escolar, preparação para a vida e tempo de exercício profissional da vida, direcionada para a mudança [...] a educação continuada não se restringe ao sistema formal ou profissional, mas, antes, engloba todas as atividades da vida social que são ou podem ser portadoras de educação (MENEZES 2003, p. 318).

O risco aqui seria o de entender que tudo é filosofia e de que qualquer coisa fosse o exercício de filosofar. Não se trata disto. No entanto, também não dá para defender um modelo de Filosofia que só contemple a tradição filosófica. Neste sentido, a formação deve ser contínua e permanente. Reinventada. Não dá só para reutilizar ou

continuar reutilizando remendos velhos para roupas novas. A realidade, com toda sua complexidade, precisa nos levar a pensar novas filosofias.

CAMINHOS E DESCAMINHOS

Tenho a clara certeza que este debate ainda é muito introdutório, mas já se insere em um contexto de mudança de postura. Vasconcellos (2006), coincidentemente, no mesmo ano do retorno da Filosofia ao Ensino Médio, traz uma mensagem para nós professores: “[...] se não reflete sobre si e sobre sua prática, o professor corre o risco, por exemplo, de ensinar ao aluno o que mais sabe, gosta ou está acostumado a dar, e não o que o aluno precisa”... (VASCONCELLOS 2006, p. 106). Nesta perspectiva, a máxima socrática que nos convida a conhecer a nós mesmos é muito atual.

Outro ponto que também defende Vasconcellos (2006) agora se acentua sobre os alunos, ou melhor, como é que nós observamos este aluno:

Devemos ter em conta o aluno real, de carne e osso que efetivamente está na sala de aula, que é um ser que tem suas necessidades, interesses, nível de desenvolvimento (psicomotor, sócio-afetivo e cognitivo), quadro de significações, experiências anteriores (história pessoal), sendo bem distante daquele aluno ideal, dos manuais pedagógicos (marcados pelos valores de classes) ou dos sonhos de alguns professores. Temos que trabalhar em função daquilo que realmente o aluno é, e não o que gostaríamos que fosse (VASCONCELLOS, 2006, p. 107).

Há duas formas de se ensinar Filosofia. Uma é a de arrancar o aluno de dentro da caverna. A princípio não há problemas neste exercício, desde que o mundo novo não seja já formulado pelo professor detentor do saber. Outra, é sentir o outro e também sentir com o outro, percebendo as suas singularidades e

problematizando-as.

A pergunta motora talvez seja: é este mundo que você quer? Está satisfeito com a forma que vive ou tem vivido? Aqui não está a valoração de que meu mundo enquanto professor seja mais colorido e mais bonito. É preciso descer dos tablados e pedestais. É preciso sair da segurança que o pseudo poder nos colocou. Mergulhemos outra vez e sempre nas angústias.

Aqui mais uma vez vamos dialogar com Vasconcellos (2006),

Para conhecer o outro, é necessário colocar o olhar sobre ele, mas um olhar atento, curioso, e acima de tudo amigo, despido de preconceitos. Buscar a empatia: ter a capacidade de perceber o ponto de vista do outro, se descentrar, abrir mão do narcisismo de ser simplesmente admirado ou respeitado pelo grupo (VASCONCELLOS, 2006, p. 107).

Penso que só mudando de lugar, de postura e até de princípios podemos realmente permitir que o outro seja. Criar discípulos pode não ser o melhor caminho. Entender e valorizar a alteridade do outro pode ser uma forma mais autêntica de lidar com o que ainda é, e nem deve deixar de ser, problemático, “É preferível 'perder' um pouco de tempo para pensar sobre o conjunto da realidade, do que perder todo o tempo em sala de aula, já que o trabalho, por não abarcar a concretude dos determinantes, acaba se revelando ineficaz (VASCONCELLOS, 2006, p. 108).

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de Filosofia: o ensino de Filosofia no Ensino Médio como experiência filosófica.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. Reconstruindo Trajetórias docentes: percursos pessoais e profissionais refletidos na

maneira de ser professor. IN FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; FISCHER, Beatriz T. Dault; PERES, Lúcia Maria Vaz (org). **Memórias Docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009

GALLO, Silvio. **Repensar a Educação: Foucault**. Educação e Realidade: Porto Alegre/RS, v. 29, n.1, p. 79–97, 2004.

MENEZES, Cecília Maria de Alencar. Educação Continuada de Educadores: Superando ambiguidades conceituais. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, vol. 12. nº 20, p. 311 – 320, jul./dez., 2003.

MURCHO, Desidério. **A natureza da Filosofia e o seu ensino**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 22, n. 44, p. 79-99, jul./dez. 2008.

SANTOS, Ana Kátia Alves. (Re)significando a produção construtiva do conhecimento: da epistemologia genética à epistemologia da complexidade. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, vol. 12. nº 20, p. 299–310, jul./dez., 2003.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento, Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2006.